

Os Sonhos na Casa Assombrada

H.P. Lovecraft

Se os sonhos ocasionaram a febre ou se a febre ocasionou os sonhos, Walter Gilman não sabia. Espreitava por trás de tudo o envolvente, exasperante horror da velha cidade; e do mofado e ímpio sótão onde ele escrevia, estudava e se debatia com cifras e fórmulas, quando não estava largado na esqualida cama de feno. A acuidade de seus ouvidos estava adquirindo um grau intolerável e sobrenatural, e havia muito ele fizera parar o relógio barato da cornija da lareira cujo tique-taquear ia se assemelhando a um estrondo de artilharia. À noite, o discreto alvoroço da cidade às escuras lá fora, a sinistra correria dos ratos nos tabiques carcomidos e o estrear de vigas ocultas na casa secular bastavam para lhe dar uma sensação de estridente pandemônio. A escuridão sempre foi prenhe de ruídos inexplicáveis — mas ele, porém, às vezes se arrepiava de medo, temendo que os ruídos que escutava pudessem o enfraquecer, deixando-o ouvir outros ruídos mais fracos que ele suspeitava estarem à espreita, por trás dos primeiros.

Ele estava na imutável cidade de Arkham, das lendas assombrosas com sua profusão de telhados de águas furtadas debruçados sobre sótãos, onde as bruxas se escondiam dos servidores do Rei, no sinistro passado da Província. Nenhum outro local daquela cidade era mais prenhe de recordações macabras do que o sótão do telhado que o abrigava — pois fora esta casa e este quarto que haviam abrigado a velha Keziah Mason, cuja fuga da Cadeia de Salem ninguém soubera explicar. Isto havia sucedido em 1692 — o carcereiro enlouquecera e

balbuciava a respeito de uma pequena coisa peluda de colmilhos brancos que saía correndo da cela de Keziah, e nem mesmo Cotton Mather soube explicar as curvas e ângulos rabiscados nas paredes de pedra cinzenta com algum líquido pegajoso vermelho.

Talvez Gilman não devesse ter estudado tanto. O cálculo não-euclidiano e a física quântica bastam para esgotar qualquer cérebro, e quando alguém os mistura com folclore e tenta identificar um fundo estranho de realidade multidimensional por trás das sugestões demoníacas das narrativas góticas e das desvairadas histórias sussurradas ao pé do fogo, dificilmente poderia evitar alguma tensão mental. Gilman viera de Haverhill, mas só depois de ter entrado na universidade de Arkham foi que ele começou a relacionar suas pesquisas matemáticas com as lendas fantásticas de magia ancestral. Alguma coisa na atmosfera da venerável cidade agia obscuramente em sua imaginação. Os professores da Miskatonic insistiram para que ele moderasse e deliberadamente reduziram seu curso em vários pontos. Mais ainda, impediram-no de consultar duvidosos livros antigos sobre segredos ocultos, que eram guardados debaixo de chave no subsolo da biblioteca da universidade. Todas essas precauções chegaram tarde, porém, de forma que Gilman obtivera algumas pistas terríveis do temível Necronomicon de Abdul Al-Hazred, do fragmentário Livro de Eibon e do proibido Unaussprechlichen Kulten de von Junzt, para relacionar com suas fórmulas abstratas sobre as propriedades do espaço e as associações entre dimensões conhecidas e desconhecidas.

Ele sabia que seu quarto ficava na velha Casa

Assombrada — este havia sido, aliás, o motivo por que o escolhera. Havia muitas coisas nos registros do Condado de Essex sobre o julgamento de Keziah Mason e o que ela havia admitido, sob pressão, para o Tribunal de Oyer e Terminer, havia fascinado Gilman de uma maneira irracional. Ela havia contado ao Juiz Hathorne sobre linhas e curvas que poderiam ser levadas a apontar direções passando através das paredes do espaço para outros espaços ulteriores, e sugerira que essas linhas e curvas eram freqüentemente usadas em certas reuniões realizadas à meia-noite no escuro Vale da Pedra Branca, além de Meadow Hill e na ilha desabitada do rio. Ela havia contado também sobre o Homem Negro, sobre seu juramento e seu novo nome secreto, Nahab. Depois ela havia desenhado aqueles esquemas nas paredes da cela e desaparecera.

Gilman acreditava em coisas estranhas sobre Keziah e havia sentido uma curiosa emoção ao saber que sua habitação ainda estava de pé duzentos e trinta e cinco anos depois. Quando ouviu os silenciosos murmúrios de Arkham sobre a persistente presença de Keziah na casa velha e nas ruas estreitas, sobre as marcas irregulares de dentes humanos deixados em certas pessoas adormecidas naquela e em outras casas, sobre choros de crianças ouvidos às vésperas do 10 de Maio e do Dia de Todos os Santos, sobre o cheiro freqüentemente notado no sótão da velha casa logo depois dessas temíveis datas e sobre a coisinha peluda de presas agudas que assombrava a mofada construção e a cidade, aninhando-se curiosamente nas pessoas nas horas lúgubres antes do amanhecer, resolveu morar naquele local a qualquer custo. Arranjar um quarto foi fácil, pois a casa era

impopular, difícil de alugar, e havia muito se prestava para alojamentos baratos. Gilman não saberia dizer o que esperava encontrar ali, mas sabia que desejava estar no edifício onde alguma circunstância havia dado, mais ou menos repentinamente, a uma velha medíocre do século XVII, uma percepção de profundidades matemáticas, superior, talvez, às mais modernas pesquisas de Planck, Heisenberg, Einstein e de Sitter.

Gilman estudou as paredes de madeira e alvenaria atrás de indícios de desenhos crípticos em cada ponto acessível onde o papel houvesse descascado, e uma semana depois conseguiu ficar com o quarto oriental do sótão, onde Keziah teria praticado seus feitiços. Ele já estava vago desde o início, pois ninguém queria permanecer ali por muito tempo — mas o senhorio polonês evitava alugá-lo. Entretanto, nada aconteceu com Gilman até a época da febre. Nenhuma Keziah fantasmagórica esvoaçou pelos quartos e corredores sombrios, nenhuma coisinha peluda se esgueirou em seu tenebroso ninho para roçá-lo com seu focinho, e nenhum registro dos feitiços da bruxa premiou sua busca infatigável. Às vezes ele dava caminhadas pelo sombrio emaranhado de vielas sem calçamento, cheirando a mofo, onde antigas casas castanhas de idade indefinível se inclinavam, curvavam e espreitavam zombeteiramente por estreitas janelas envidraçadas. Ele sabia que ali haviam acontecido coisas estranhas um dia, e havia uma leve sugestão por trás da superfície de que tudo daquele passado monstruoso não poderia — pelo menos nas vielas mais escuras, mais estreitas e mais tortuosas — ter desaparecido completamente. Ele também remou por duas vezes até a mal-afamada ilha do meio do rio e fez

um esboço dos ângulos singulares descritos pelas fileiras de pedras cinzentas cobertas de musgo de origem tão obscura e imemorial.

O quarto de Gilman era de bom tamanho, mas tinha um formato singularmente irregular; a parede norte inclinava-se visivelmente para dentro, a extremidade inferior para a superior, enquanto o teto baixo inclinava-se suavemente para baixo na mesma direção. Afora um evidente buraco de rato aberto e os sinais de outros deles obstruídos, não havia nenhum acesso — nem qualquer aparência de uma via de acesso antiga — para o espaço que devia existir entre a parede inclinada e a parede externa reta do lado norte da casa, embora uma visão do exterior mostrasse o ponto onde uma janela havia sido fechada com tábuas em uma data muito remota. O desvão em cima do teto — que devia ter tido um piso inclinado — era igualmente inacessível. Quando Gilman subiu por uma escada de mão até o desvão coberto de teias de aranha, que encimava o resto do sótão, encontrou vestígios de uma antiga entrada fortemente vedada com tábuas fixadas no lugar, com as resistentes cavilhas de madeira comuns na carpintaria colonial. Nenhum esforço de persuasão, porém, conseguiu induzir o estalido senhorio a deixá-lo investigar nenhum desses dois espaços fechados. Com o passar do tempo, sua absorção na parede e no teto irregulares de seu quarto cresceram, pois começara a identificar nos curiosos ângulos um significado matemático que parecia oferecer vagas pistas relacionadas com o seu propósito. A velha Keziah, pensava ele, devia ter tido excelentes motivos para viver em um quarto com ângulos peculiares, pois não havia sido mediante certos ângulos que ela alegava

ter saído dos limites do mundo espacial que conhecemos? Seu interesse gradualmente se afastou dos espaços vazios insondáveis atrás das superfícies inclinadas, pois agora tinha a impressão de que a finalidade daquelas superfícies estava relacionada ao lado em que ele estava.

O surto de febre cerebral e os sonhos principiaram no começo de fevereiro. Durante algum tempo, aparentemente, os curiosos ângulos do quarto de Gilman exerciam um efeito estranho, quase hipnótico, sobre ele, e à medida que o gélido inverno avançava, ele se via examinando com intensidade crescente o canto onde o teto inclinado para baixo encontrava a parede inclinada para dentro. Nesse período, a incapacidade de se concentrar em seus estudos formais o preocupou muito e ele ficou extremamente apreensivo com a aproximação dos exames de meio de ano. Mas o aguçado sentido de audição não era menos preocupante. A vida havia se tornado uma insistente, quase insuportável, cacofonia, e persistia a constante, terrífica impressão de outros sons – vindos de regiões além da vida, talvez – vibrando nas fímbrias mesmo da audibilidade. No que toca aos ruídos concretos, os ratos nas velhas paredes divisórias eram responsáveis pelos piores. Seu arranhar às vezes parecia não só furtivo, mas deliberado. Quando chegava do outro lado da parede norte inclinada, vinha misturado com uma espécie de estrépito seco; e quando provinha do desvão secularmente fechado por cima do teto inclinado, Gilman sempre despertava como que a espera de algum horror que apenas ganhava tempo antes de descer para engolfá-lo completamente.

Os sonhos iam muito além do terreno da sanidade

e Gilman sentia que eles deviam ser o resultado conjunto de seus estudos de matemática e de folclore. Ele andava pensando demais também nas vagas regiões, que suas fórmulas lhe diziam existir, além das três dimensões que conhecemos, e sobre a possibilidade de a velha Keziah Mason — guiada por alguma influência à prova de qualquer conjectura — ter efetivamente descoberto o portal para aquelas regiões. Os amarelados registros do condado contendo seu depoimento e o de seus acusadores eram diabolicamente sugestivos de coisas além da experiência humana — e as descrições do fugidio objeto peludo que lhe servia de criado eram dolorosamente realistas, apesar de seus detalhes inacreditáveis.

Aquele objeto — não maior do que um rato de bom tamanho e singularmente chamado pela população de “Brown Jenkin” — parecia ter sido o fruto de um caso admirável de ilusão coletiva, pois, em 1692, não menos do que onze pessoas atestaram havê-lo vislumbrado. Havia rumores recentes, também, com um grau de concordância desconcertante. As testemunhas afirmavam que ele tinha cabelos longos e a forma de um rato, mas que sua cara barbada com dentes agudos era diabolicamente humana, ao passo que suas patas pareciam minúsculas mãos humanas. Ele transmitia recados entre a velha Keziah e o diabo, e se nutria do sangue da bruxa, o qual sugava como um vampiro. Sua voz era uma espécie de repugnante riso escarninho e ele podia falar todos os idiomas. De todas as bizarras monstruosidades dos sonhos de Gilman, nada o enchia de maior pânico e náusea do que este ser híbrido ímpio e diminuto cuja imagem se esgueirava em sua visão em

uma forma mil vezes mais hedionda do que qualquer coisa que sua mente desperta havia deduzido dos antigos registros e dos modernos rumores.

Em grande parte, os sonhos de Gilman consistiam de mergulhos em abismos infinitos, em crepúsculos misteriosamente coloridos e sons muito desarmoniosos, abismos cujas propriedades materiais e gravitacionais, e cuja relação com sua própria entidade, ele não poderia sequer começar a explicar. Ele não andava nem subia, não voava nem nadava, não se arrastava nem serpeava, experimentando sempre um modo de locomoção parcialmente voluntário e parcialmente involuntário. Ele não conseguia avaliar direito sua própria condição pois a visão de seus braços, pernas e torso parecia estar sempre obstruída por uma estranha distorção da perspectiva, mas sentia que sua organização física e suas faculdades mentais estavam, de alguma forma, maravilhosamente transformadas e projetadas de viés — não sem uma certa relação grotesca, porém, com suas proporções e propriedades normais.

Os abismos não estavam absolutamente vazios, mas povoados por indescritíveis massas angulosas de uma substância exoticamente colorida, algumas delas parecendo orgânicas e outras inorgânicas. Alguns objetos orgânicos tendiam a despertar vagas lembranças no fundo de sua mente, embora ele não pudesse formar uma idéia consciente do que eles zombeteiramente lembravam ou sugeriam. Nos sonhos mais recentes, ele começara a distinguir categorias separadas em que os objetos orgânicos pareciam estar divididos, e que pareciam envolver, em cada caso, uma espécie radicalmente diferente de padrão de conduta e de motivação básica.

Dessas categorias, uma lhe pareceu incluir objetos um pouco menos ilógicos e irrelevantes em seus movimentos, do que os membros das outras categorias.

Todos os objetos — orgânicos e inorgânicos — eram absolutamente indescritíveis ou mesmo incompreensíveis. Gilman às vezes comparava a matéria inorgânica a prismas, labirintos, grupos de cubos e planos e construções ciclópicas, e as coisas inorgânicas sugeriam-lhe agrupamentos de bolhas, polvos, centopéias, ídolos hindus animados e intrincados arabescos excitados em uma espécie de animação ofídica. Tudo que ele via era indescritivelmente ameaçador e horrível, e sempre que uma das entidades orgânicas parecia, por seus movimentos, havê-lo notado, ele sentia um pavor hediondo, absoluto, que geralmente o fazia despertar sobressaltado. Sobre a maneira como as entidades orgânicas se moviam, ele não podia dizer mais do que a maneira como ele próprio se movia. Com o tempo, observou um novo mistério — a tendência de certas entidades parecerem subitamente estar fora do espaço vazio, ou desaparecerem completamente com igual presteza. A estridente, trovejante confusão de sons que permeava os abismos estava fora do alcance de qualquer análise no que diz respeito à altura, timbre ou ritmo, mas parecia estar sincronizada com as vagas mudanças visuais em todos os imprecisos objetos, tanto orgânicos como inorgânicos. Gilman sentia um pavor constante de que ela pudesse alcançar um nível de intensidade insuportável durante uma de suas obscuras e inevitáveis flutuações.

Mas não era nesses vórtices de total alienação que ele via Brown Jenkin. Aquele repugnante pequeno horror

estava reservado para certos sonhos mais leves, mais definidos, que o assediavam pouco antes dele mergulhar nas profundezas maiores do sono. Ele estaria deitado no escuro, lutando para se manter desperto, quando uma tênue luminosidade bruxuleante pareceria tremeluzir por todo o quarto secular, revelando, em meio a uma névoa violeta, a convergência de ângulos planos que haviam se apossado tão insidiosamente de seu cérebro. O horror pareceria emergir do buraco de rato, do canto, e sapatear em sua direção sobre o inclinado assoalho de tábuas largas, com uma expressão de maligna expectativa em sua minúscula cara humana barbada; mas esse sonho felizmente se desfazia sempre antes do objeto chegar perto o suficiente para encostar nele. A coisa tinha caninos diabolicamente longos e agudos. Gilman tentava tapar o buraco todos os dias, mas a cada noite os moradores reais dos tabiques roíam a obstrução, fosse qual fosse. Certa vez ele conseguiu que o senhorio pregasse uma chapa de estanho em cima do buraco, mas, na noite seguinte, os ratos escavaram um buraco novo e, ao fazê-lo, empurraram ou arrastaram para dentro do quarto um curioso fragmento de osso.

Gilman não informou ao médico de sua febre, pois sabia que não passaria nos exames se fosse enviado à enfermaria da universidade, quando cada instante era necessário para os estudos. Nas circunstâncias, ele foi reprovado em Cálculo D e Psicologia Geral Avançada, embora não sem esperança de recuperar o terreno perdido antes do fim do semestre. Era março quando o novo elemento entrou em seu sonho preliminar mais leve e a forma repelente de Brown Jenkin começou a aparecer, acompanhada de uma mancha nebulosa que foi ficando

cada vez mais parecida com uma velha mulher encurvada. Este acréscimo o perturbou mais do que ele poderia imaginar, mas finalmente decidiu que ela se parecia com uma velha encarquilhada a quem encontrara por duas vezes no escuro emaranhado de vielas perto do cais abandonado. Naquelas ocasiões, o olhar cruel, sardônico e aparentemente gratuito da megera havia-lhe causado calafrios – especialmente da primeira vez, quando um rato enorme disparando pela entrada escura de um beco próximo o fez irracionalmente pensar em Brown Jenkin. Agora, refletia, aqueles temores de origem nervosa estavam se refletindo em seus sonhos desvairados.

Que a influência da velha casa era maligna, ele não poderia negar, mas traços de seu primitivo e mórbido interesse ainda o mantinham ali. Ele argumentava que a febre era a única responsável por suas fantasias noturnas e, quando o acesso diminuísse, ficaria livre das visões monstruosas. Aquelas visões, porém, tinham uma evidência e vivacidade envolventes, e, ao acordar, ele conservava sempre a vaga sensação de ter experimentado muito mais do que podia se lembrar. Estava muito seguro de que nos sonhos não lembrados ele conversava com Brown Jenkin e a velha, e que estes insistiam para que ele os acompanhasse a algum lugar onde encontraria uma terceira criatura ainda mais poderosa.

Lá para o fim de março, ele começou a se recuperar em matemática, embora os outros estudos o absorvessem cada vez mais. Estava adquirindo uma bossa intuitiva para resolver equações de Riemann, e deixou perplexo o professor Upham com o seu entendimento de problemas quadridimensionais e outros

que haviam desconcertado o resto de sua classe. Certa tarde, houve uma discussão sobre possíveis estruturas estranhas no espaço e sobre pontos teóricos de aproximação, ou mesmo de contato, entre nossa parte do cosmos e diversas outras regiões tão distantes quanto as estrelas mais longínquas ou os próprios abismos transgalácticos – ou mesmo, tão fabulosamente distantes quanto as unidades cósmicas concebíveis por especulação, além de todo o contínuo espaço-tempo einsteiniano. O modo como Gilman tratou desse tema encheu todos de admiração, apesar de algumas de suas ilustrações hipotéticas provocarem um reforço nos sempre abundantes rumores sobre suas excentricidades, nervosismo e solidão, O que deixou os alunos reticentes foi a sua sensata teoria de que o homem poderia – com um conhecimento matemático superior a tudo que o homem conseguira adquirir – sair deliberadamente da Terra para qualquer outro corpo celeste existente em um dos pontos de uma infinidade de pontos específicos da configuração cósmica.

Este passo, a seu ver, exigiria apenas dois estágios: o primeiro seria a saída da esfera tridimensional que conhecemos, e o segundo, a passagem de volta para a esfera tridimensional em um outro ponto, infinitamente distante, inclusive. Que isto poderia ser realizado sem a perda da vida era, em muitos casos, concebível. Qualquer ser de qualquer parte do espaço tridimensional provavelmente conseguiria sobreviver na quarta dimensão, e a sua sobrevivência no segundo estágio dependeria da parte extraterrestre do espaço tridimensional que ele escolhesse para sua reentrada. Os habitantes de alguns planetas poderiam viver em outros

— mesmo em planetas pertencentes a outras galáxias, ou a fases dimensionais similares de outro contínuo espaço-tempo — embora certamente devessem existir quantidades enormes de corpos celestes ou zonas espaciais mutuamente inabitáveis, apesar de matematicamente justapostos.

Era possível também que os habitantes de um determinado domínio dimensional pudessem sobreviver à entrada em muitos domínios desconhecidos e incompreensíveis de dimensões adicionais ou infinitamente multiplicadas — estivessem eles dentro ou fora do contínuo espaço-tempo dado — e que o inverso provavelmente seria verdadeiro. Isto foi motivo de muitas especulações, mas ninguém parecia estar plenamente seguro de que o tipo de mutação envolvida na passagem de algum plano dimensional para o plano superior seguinte pudesse preservar a integridade biológica tal como a compreendemos. Gilman não poderia ser muito claro sobre suas razões para esta última suposição, mas sua obscuridade neste ponto foi mais do que compensada por sua clareza em outros pontos complexos. O professor Upham apreciou especialmente sua demonstração da filiação da matemática superior, a certas fases da sabedoria mágica, transmitida ao longo das eras desde uma inefável antigüidade — humana ou pré-humana — cujos conhecimentos do cosmos e de suas leis eram superiores aos nossos.

Perto do primeiro dia de abril, Gilman começou a ficar muito preocupado com a persistência de sua febre. Incomodava-o também o que alguns dos outros locatários diziam sobre o seu sonambulismo. Ao que

parecia, ele saía freqüentemente de seu leito, e aquele estalar do assoalho de seu quarto, em certas horas da noite, era percebido pelo homem do quarto de baixo. Este indivíduo dizia ouvir também passos de pés calçados durante a noite, mas Gilman estava certo de que ele se enganava a este respeito, pois seus sapatos e suas roupas estavam sempre em seu preciso lugar pela manhã. Podia-se desenvolver toda sorte de ilusões auditivas naquela mórbida casa velha, O próprio Gilman, mesmo à luz do dia, não tinha a certeza da existência de outros ruídos além do arranhar dos ratos vindos dos escuros desvãos além da parede inclinada e acima do teto inclinado? Seus ouvidos patologicamente sensíveis tentavam captar passos macios no desvão imemorialmente fechado ao alto, e às vezes a ilusão dessas coisas era dolorosamente realista.

Entretanto, ele sabia que havia se tornado mesmo um sonâmbulo, pois, por duas vezes, seu quarto fora encontrado vazio durante a noite, embora todas as suas roupas estivessem no lugar. Isto lhe fora assegurado por Frank Elwood, o colega que a pobreza obrigara a se alojar nesta casa decrépita e impopular. Elwood estivera estudando de madrugada e fora procurá-lo atrás de ajuda em uma equação diferencial, descobrindo que Gilman estava ausente. Havia sido um grande atrevimento de sua parte abrir uma porta destrancada depois de bater e não receber resposta, mas ele precisava muito da ajuda e achou que o ocupante não se importaria de ser despertado, se o fizesse com jeito. Em nenhuma dessas ocasiões, porém, Gilman estava lá, e quando ouviu falar do assunto, ficou cismando sobre onde poderia ter estado perambulando vestido apenas com as

roupas de dormir. Ele decidiu investigar o assunto se os relatos de seu sonambulismo continuassem, e pensou em aspergir o chão do corredor com farinha para ver aonde seus passos o levariam. A porta era o único meio de acesso concebível, pois não havia apoio viável para os pés, do lado de fora da estreita janela.

À medida que abril avançava, os ouvidos de Gilman, aguçados pela febre, eram perturbados pelas orações lamurientas de um ajustador de teares chamado Joe Mazurewicz cujo quarto ficava no térreo. Mazurewicz havia contado longas histórias incoerentes sobre o fantasma da velha Keziah e a coisa peluda de colmilhos agudos, e havia dito que às vezes ficava tão apavorado que só seu crucifixo de prata — que lhe fora dado para este fim pelo Padre Iwanicki, da Igreja de St. Stanislaus — conseguia tranquilizá-lo. Agora ele estava rezando por conta da aproximação do dia do Sabbath das Bruxas. A véspera do 10 de Maio era a Noite de Walpurgis, quando os mais tenebrosos horrores do inferno rondavam a Terra e todos os servos de Satã se congregavam para ritos e atos inomináveis. Era sempre uma época muito ruim em Arkham, apesar da boa gente da Avenida Miskatonic e das ruas High e Saltonstall fingir nada saber a esse respeito. Haveria coisas ruins e uma ou duas crianças provavelmente desapareceriam. Joe sabia dessas coisas, pois sua avó, do velho interior, ouvira histórias contadas pela avó dela. Era conveniente orar e rezar o terço nesse período. Durante três meses, Keziah e Brown Jenkin não se aproximaram do quarto de Joe, nem do quarto de Paul Choynski, nem de qualquer outro — e não era nada bom quando eles sumiam assim. Deviam estar aprontando alguma.

Gilman passou pelo consultório do médico no dia dezesseis daquele mês e ficou surpreso ao descobrir que sua temperatura não estava tão alta quanto temia. O médico examinou-o cuidadosamente e aconselhou-o a ver um especialista em nervos. Pensando bem, ele ficou contente de não ter consultado o médico ainda mais curioso da universidade, O velho Waldron, aquele que havia reduzido suas atividades anteriormente, obrigá-lo a tirar uma licença — coisa impossível, agora que estava tão perto de obter grandes resultados com suas equações. Estava seguramente perto da fronteira entre o universo conhecido e a quarta dimensão, e quem saberia até onde poderia chegar?

Mas mesmo quando esses pensamentos lhe ocorreram, ele ficava cismando na origem de sua estranha confiança. Será que toda aquela perigosa sensação de iminência vinha das fórmulas nas folhas de papel que ele enchia dia após dia? Os imaginários passos suaves e furtivos no desvão fechado ao alto eram enervantes. E agora havia também um crescente sentimento de que alguém o estava constantemente persuadindo a fazer algo terrível, que ele não deveria fazer. E quanto ao seu sonambulismo? Para onde ele iria, às vezes, durante a noite? E o que seria aquela tênue sugestão de som que, de vez em quando, parecia se esgueirar por entre a confusão de sons identificáveis mesmo à plena luz do dia e estando inteiramente desperto? Seu ritmo não correspondia a nenhuma coisa da Terra, exceto, talvez, à cadência de um ou dois indizíveis cantos Sabáticos, e, às vezes, ele temia que o ritmo correspondesse a certas características do vago guinchar ou rugir naqueles abismos, totalmente

alienígenas, do sonho.

Entrementes, os sonhos estavam se tornando atrozes. Na fase preliminar mais leve do sono, a pérfida velha adquirira agora uma nitidez demoníaca e Gilman sabia que se tratava da mesma velha que o havia aterrorizado ao andar pelo subúrbio. Suas costas encurvadas, nariz comprido e queixo enrugado eram inconfundíveis, e as disformes roupas pardacentas eram iguais às de sua lembrança. Ela exibia no rosto uma expressão de odiosa malevolência e exultação, e, ao acordar, ele conseguia lembrar uma voz grasnante que persuadia e ameaçava. Ele devia encontrar o Homem Negro e ir com eles todos até o trono de Azathoth, no centro do caos definitivo. Era o que ela dizia. Ele devia assinar o livro de Azathoth com seu próprio sangue e adotar um novo nome secreto agora que suas investigações independentes o haviam levado tão longe. O que o impedia de ir com ela, Brown Jenkin e o outro até o trono do Caos, onde as finas flautas sopravam descuidadamente, era o fato de ter visto o nome "Azathoth" no Necronomicon e saber que se referia a um demônio primitivo, pavoroso demais para ser descrito.

A velha surgia sempre do ar rarefeito perto no canto onde a inclinação para baixo encontrava a inclinação para dentro. Ela parecia cristalizar-se em um ponto mais próximo do teto do que do assoalho, e a cada noite parecia um pouco mais perto e mais nítida, antes do sonho se desfazer. Brown Jenkin, também, estava sempre um pouco mais perto no final, e seus colmilhos branco-amarelados brilhavam de maneira hedionda naquela irreal fosforescência violácea. Seu repugnante riso zombeteiro cravava-se cada vez mais profundamente na

cabeça de Gilman, e, pela manhã, ele se lembrava de ter pronunciado as palavras “Azathoth” e “Nyarlathotep”.

Nos sonhos mais profundos, tudo parecia também mais nítido, e Gilman sentia que os abismos crepusculares que o cercavam pertenciam à quarta dimensão. Aquelas entidades orgânicas cujos movimentos pareciam menos irrelevantes e aleatórios eram, provavelmente, projeções de formas de vida de nosso próprio planeta, inclusive de seres humanos. O que seriam em sua própria esfera ou esferas dimensionais ele sequer ousava imaginar. Duas das coisas que se moviam menos aleatoriamente – um aglomerado enorme de bolhas esferoidais alongadas e iridescentes e um poliedro muito menor de cores incomuns cujos ângulos superficiais sofriam constante modificação – pareciam observá-lo e segui-lo, ou pairar sobre ele quando se deslocava entre os titânicos prismas, labirintos, feixes de cubos-e-planos e quase-edifícios; e durante todo o tempo, os vagos guinchos e rugidos cresciam e cresciam, como que se aproximando de algum clímax monstruoso de intensidade insuportável.

Durante a noite de 19 para 20 de abril, ocorreu o novo desdobramento. Gilman se movimentava meio involuntariamente pelos abismos crepusculares, com a massa borbulhante e o pequeno poliedro por cima, quando percebeu os ângulos peculiarmente regulares formados pelas bordas de um gigantesco grupo de prismas próximo. Um instante depois, ele estava fora do abismo, de pé, trêmulo, sobre uma encosta rochosa banhada por uma intensa e difusa luz verde. Estava descalço e com as roupas de dormir, e quando tentou andar, descobriu que mal conseguia erguer os pés. Um

turbilhão vaporoso encobria toda a visão, exceto o terreno ascendente imediato, e ele se encolheu todo imaginando os sons que poderiam surgir daquele vapor.

Foi então que ele viu as duas formas se arrastando penosamente em sua direção. a velha e a pequena coisa peluda. A megera abraçou-se com seus joelhos, cruzando os braços de um jeito muito singular, enquanto Brown Jenkin apontava em uma certa direção com uma pata dianteira, horrivelmente antropóide que erguia com evidente dificuldade. Impelido por um impulso que não era seu, Gilman arrastou-se no percurso determinado pelo ângulo dos braços da velha e a direção da pata do pequeno monstro, e, antes de ter dado três passos, estava de volta aos abismos crepusculares. Formas geométricas pairavam ao seu redor enquanto ele caía vertiginosamente, interminavelmente, até que despertou em seu leito, no sótão insanamente assimétrico da velha casa ancestral.

Naquela manhã, ele não prestava para nada e faltou a todas as aulas. Uma misteriosa atração impelia seus olhos para uma direção aparentemente irrelevante, pois não conseguia se impedir de observar um certo ponto vazio do assoalho. À medida que o dia transcorria, o foco de seus olhos vidrados ia mudando de posição até que, por volta do meio-dia, ele conseguiu controlar o impulso de olhar para o vazio. Perto das duas da tarde, ele saiu para almoçar e, percorrendo as vielas estreitas da cidade, percebeu que virava sempre na direção sudeste. Foi com muito esforço que conseguiu parar no restaurante da Rua Church e, depois da refeição, sentiu a atração pelo desconhecido ainda mais fortemente.

Ele teria que consultar um especialista em nervos

afinal — talvez houvesse uma conexão com seu sonambulismo — mas enquanto isso poderia, pelo menos, tentar quebrar sozinho o mórbido feitiço. Certamente ele ainda poderia afastar-se da atração; assim, com muita determinação, enfrentou-a, caminhando deliberadamente para o norte, pela Rua Garrison. Alcançando a ponte sobre o Miskatonic, estava banhado em suor frio e teve de se agarrar ao parapeito de ferro enquanto olhava, rio acima, para a mal-afamada ilha cujo perfil regular formado por pedras eretas ancestrais emergia sombriamente ao sol vespertino.

Então ele levou um susto, pois havia uma figura viva nitidamente visível naquela ilha desolada, e um segundo olhar lhe disse que se tratava, sem sombra de dúvida, da velha mulher bizarra cuja imagem sinistra se infiltrara desastrosamente em seus sonhos. O capim alto perto dela também se mexia como se houvesse alguma outra criatura viva arrastando-se perto do chão. Quando a velha começou a virar-se em sua direção, ele fugiu precipitadamente da ponte pelo labiríntico abrigo de vielas do cais. Por distante que a ilha estivesse, ele sentia que um monstruoso e invencível mal poderia fluir do sardônico olhar daquela figura velha, curvada, vestida de marrom.

A atração para o sudeste persistia e somente com tremenda determinação Gilman conseguiu arrastar-se para dentro da velha casa e subir as escadas periclitantes. Durante horas, ele ficou sentado, em silêncio e prostrado, com os olhos virando gradualmente para oeste. Perto das seis da tarde, seus ouvidos aguçados captaram as orações lamurientas de Joe Mazurewicz, dois andares abaixo e, desesperado, pegou o chapéu e saiu para as ruas

douradas pelo pôr-do-sol, deixando que a atração, agora diretamente para o sul, o levasse onde bem quisesse. Uma hora mais tarde, a escuridão o encontrou nos campos abertos além do Regato do Hangman, tendo as cintilantes estrelas primaveris acima. O impulso de andar foi gradualmente mudando para uma ânsia de saltar misticamente para o espaço, e ele subitamente percebeu onde estava a fonte exata da atração.

Estava no céu. Um ponto preciso entre as estrelas clamava por ele e o estava chamando. Aparentemente, era um ponto em algum lugar entre a Hidra e Argo, e ele sabia que fora impelido para isto desde que acordara, pouco depois do amanhecer. Durante a manhã, ele estivera para baixo, e agora estava ligeiramente para o sul, mas avançando furtivamente para oeste. O que significaria esta coisa nova? Estaria enlouquecendo? Quanto tempo duraria? Recuperando sua determinação, Gilman virou-se e arrastou-se de volta para a velha casa.

Mazurewicz esperava por ele à porta e parecia ansioso, mas relutante, para segredar alguma superstição nova. Era sobre a luz bruxuleante. Joe saíra para festejar na noite anterior — era o Dia dos Patriotas, em Massachusetts — e voltara para casa depois da meia-noite. Olhando para a casa de fora, ele inicialmente pensara que a janela de Gilman estivesse escura, mas depois vira um fraco brilho violáceo em seu interior. Ele queria prevenir o cavalheiro sobre aquele brilho, pois todo mundo em Arkham sabia que se tratava da luz bruxuleante de Keziah, que pairava ao redor de Brown Jenkin e do fantasma da própria megera. Ele não havia mencionado isto antes, mas agora precisava contar porque isso significava que Keziah e seu criado de presas

compridas estavam assombrando o jovem cavalheiro. Às vezes, ele, Paul Choynski e o senhorio Dombrowski pensavam ver aquela luz escoando por rachaduras do desvão fechado, acima do quarto do jovem cavalheiro, mas todos concordaram em não falar com ele a esse respeito. Entretanto, seria melhor o cavalheiro tomar outro quarto e conseguir um crucifixo com algum bom sacerdote como o Padre Iwanicki.

Enquanto o homem tagarelava, Gilman foi sentindo um terror indescritível apertar sua garganta. Ele sabia que Joe devia estar meio embriagado ao voltar para casa na noite anterior, mas a menção da luz violeta na janela do sótão tinha uma importância aterradora. Era uma luz bruxuleante desse tipo que sempre pairava em torno da velha e da coisinha peluda naqueles sonhos mais leves, mais nítidos, que prefaciavam seus mergulhos nos abismos misteriosos, e a idéia de que uma segunda pessoa desperta pudesse ver a luminescência onírica estava longe de ser um conforto. Entretanto, onde o sujeito havia conseguido uma idéia tão estranha? Teria ele próprio falado enquanto andava pela casa, dormindo? Não, disse Joe, ele não havia contado — mas devia verificar isto. Talvez Frank Elwood pudesse lhe dizer algo, embora ele detestasse perguntar.

Febre — sonhos desvairados — sonambulismo — ilusões sonoras — uma atração para um ponto no céu — e agora a suspeita de um insano falar dormindo! Ele devia parar de estudar, procurar um especialista em nervos e se recompor. Subindo ao segundo andar, parou à porta de Elwood, mas viu que o outro rapaz estava fora. Relutantemente, prosseguiu até seu quarto no sótão onde sentou-se no escuro. Seu olhar ainda se voltava

para o sul, mas ele também sentia-se forçando os ouvidos para captar algum som do desvão fechado acima, meio que imaginando uma maligna luz violácea escoando por uma rachadura infinitesimal no baixo teto inclinado.

Naquela noite, enquanto Gilman dormia, a luz violeta envolveu-o com maior intensidade e a velha bruxa junto com a pequena coisa peluda, aproximando-se mais do que nunca, zombaram dele com guinchos desumanos e gestos diabólicos. Ele ficou contente de mergulhar nos abismos crepusculares de vagos rugidos, embora a perseguição daqueles aglomerados borbulhantes iridescentes e aquele pequeno poliedrocaleidoscópico fosse ameaçadora e irritante. Veio então uma mudança quando vastos planos convergentes, de uma substância de aparência escorregadia, surgiram acima e abaixo dele — mudança que terminou em um surto de delírio e em um clarão de luz extraterrestre e misteriosa onde amarelo, carmim e índigo se fundiam louca e inextrincadamente.

Ele estava meio recostado em um terraço alto e fantástico, protegido por uma balaustrada acima de uma selva interminável de picos incríveis e bizarros, planos equilibrados, cúpulas, minaretes, discos horizontais assentados sobre pináculos e incontáveis formas de uma estranheza ainda maior — algumas de pedra, outras de metal — que cintilavam maravilhosamente sob o brilho confuso, quase borbulhante, de um céu poli-cromático.

Olhando para o alto ele viu três fabulosos discos ardentes, de cores variadas e em alturas diferentes acima de um horizonte curvo, infinitamente distante, de montanhas baixas. Às suas costas, fileiras de terraços mais altos erguiam-se imponentes até onde sua vista

podia alcançar.

A cidade abaixo estendia-se para além dos limites da visão e ele confiava em que nenhum som brotasse dali.

O piso do qual ele se levantou com facilidade era de um tipo de pedra polida e raiada que não conseguiu identificar, e os ladrilhos eram recortados em formas angulares bizarras que lhe pareceram ter menos simetria do que alguma simetria exótica, cujas leis não pudesse compreender. A balaustrada ia até a altura do peito, delicada e fantásticamente trabalhada, e ao longo do peitoril se alinhavam, em intervalos curtos, pequenas figuras de formato grotesco e curiosa realização. Assim como o resto da balaustrada, elas pareciam ser feitas de alguma espécie de metal brilhante cuja cor não poderia ser precisada no caos de fulgores misturados, e sua natureza desafiava absolutamente toda e qualquer conjectura. Representavam algum objeto em forma de tonel canelado com finos braços horizontais irradiando-se de um anel central e com bossas ou bulbos verticais salientes no topo e na base do tonel. Cada uma dessas protuberâncias era o centro de um sistema de cinco braços chatos, triangulares, compridos e afunilados dispostos ao seu redor como os braços de uma estrela-domar quase horizontais, mas curvando-se ligeiramente para longe do tonel central. A base da protuberância inferior estava ligada ao extenso parapeito por um ponto de contato tão delicado, que várias figuras haviam sido quebradas e estavam faltando. As figuras tinham cerca de quatro polegadas e meia de altura, enquanto os braços eriçados lhes davam um diâmetro máximo de aproximadamente duas polegadas e meia.

Quando Gilman se levantou, os ladrilhos pareceram quentes a seus pés descalços. Ele estava inteiramente só, e seu primeiro ato foi caminhar até a balaustrada e olhar atordoado para baixo, para a interminável ciclópica cidade quase dois mil pés abaixo. Prestando a atenção, pensou ouvir uma confusão rítmica de tênues sopros musicais cobrindo uma ampla escala tonal, brotando das ruas estreitas abaixo, e gostaria de vislumbrar os moradores do lugar. Depois de algum tempo, a visão causou-lhe uma vertigem e ele teria caído no terraço se não se agarrasse instintivamente à lustrosa balaustrada. Sua mão direita resvalou para uma das figuras salientes cujo toque pareceu equilibrá-lo um pouco, mas foi demais para a exótica delicadeza do trabalho em metal e, ao ser agarrada, a eriçada figura se despreendeu. Ainda meio atordoado, ele continuou segurando-a enquanto sua outra mão procurava um espaço vazio no liso peitoril.

Agora, porém, seus ouvidos ultra-sensíveis captaram algo às suas costas e ele olhou para trás ao nível do terraço. Aproximando-se dele suavemente, mas sem aparência furtiva, estavam cinco figuras, duas das quais eram a sinistra velha e o animalzinho peludo com presas. Foram as outras três que o fizeram perder os sentidos, pois eram entidades vivas com cerca de oito pés de altura exatamente da mesma forma que as imagens eriçadas da balaustrada que se locomoviam como uma aranha usando o conjunto inferior de braços de estrelado-mar.

Gilman despertou em seu leito encharcado de suor frio e com uma sensação de ardência no rosto, nas mãos e nos pés. Saltando para o chão, lavou-se e vestiu-se com

uma pressa frenética, como se tivesse que sair da casa o mais depressa possível. Ele não sabia para onde queria ir, mas sentia que, uma vez mais, teria que sacrificar as aulas. A estranha atração para aquele ponto no céu entre a Hidra e Argo diminuía, mas uma outra ainda mais forte tomara seu lugar. Ele agora sentia que devia ir para o norte – infinitamente para o norte. Temendo cruzar a ponte que dava vista para a desolada ilha no Miskatonic, foi para a ponte da Avenida Peabody, tropeçando muitas vezes porque seus olhos e ouvidos estavam presos a um ponto extremamente alto no límpido céu azul.

Cerca de uma hora depois, ele se recompôs um pouco e viu que estava longe da cidade. Estendia-se ao seu redor uma lúgubre vastidão de pântanos salgados, e a estreita estrada à frente conduzia a Innsmouth – aquela antiga cidade meio deserta que os moradores de Arkham, curiosamente, tanto evitavam visitar. Embora a atração para o norte não houvesse diminuído, ele resistiu a ela como resistira à outra, até que descobriu que quase podia equilibrar uma contra a outra. Tendo caminhado penosamente de volta à cidade e tomado um pouco de café em uma lanchonete, arrastou-se então para a biblioteca pública e folheou despreocupadamente as revistas mais amenas. A certa altura encontrou alguns amigos que repararam no estranho bronzeado de suas feições, mas ele nada lhes contou de sua caminhada. As três da tarde, almoçou em um restaurante, notando que a atração ou enfraquecera ou se dividira. Depois, matou tempo em um cinema barato, assistindo à projeção fútil várias vezes sem lhe prestar a menor atenção.

Por volta das nove da noite, voltou para casa onde entrou combalido. Joe Mazurewicz choramingava rezas

ininteligíveis e Gilman apressou-se para seu quarto no sótão sem parar para ver se Elwood estava. Foi quando ele acendeu a fraca luz elétrica que o choque aconteceu. Ele avistou, de imediato, alguma coisa sobre a mesa que não era dali, e um segundo olhar não deixou dúvidas. Deitada de lado — pois não podia se manter de pé — ali estava a exótica figura eriçada que, em seu sonho monstruoso, ele havia arrancado da fantástica balaustrada. Nenhum detalhe lhe faltava. O centro abaulado e canelado, os finos braços radiados, as bossas em cada extremidade e os braços achatados de estrelado-mar ligeiramente curvados para cima se esticando para fora daquelas bossas — estava tudo ali. Sob a luz elétrica, a cor parecia uma espécie de cinza iridescente estriado de verde, e Gilman pode ver, em meio ao terror e espanto, que uma das bossas terminava em uma linha dentada correspondendo ao antigo ponto de ligação com a onrica balaustrada.

Foi somente a sua tendência para o estupor que o impediu de gritar. Esta fusão de sonho e realidade era insuportável. Ainda aturdido, ele agarrou a coisa eriçada e desceu correndo as escadas até o alojamento do senhorio Dombrowski. As orações chorosas do supersticioso ajustador de teares persistiam nos corredores cheirando a mofo, mas Gilman não lhes deu atenção. O senhorio estava em casa e saudou-o alegremente. Não, ele não havia visto aquela coisa antes e nada sabia a seu respeito. Mas sua esposa havia dito que encontrara uma coisa de lata engraçada, em uma das camas quando arrumara os quartos ao meio-dia, e talvez fosse aquilo. Dombrowski a chamou e ela entrou rebolando. Sim, era aquilo. Ela a encontrara na cama do

jovem cavalheiro — no lado perto da parede. A coisa lhe parecera estranha, mas o jovem cavalheiro costumava ter uma porção de coisas estranhas em seu quarto — livros, curiosidades, ilustrações e anotações em papel. Ela, com certeza, não sabia nada sobre aquilo.

Gilman subiu novamente as escadas mentalmente confuso, convencido de que ou ele ainda estava sonhando, ou seu sonambulismo havia alcançado extremos inacreditáveis, levando-o a depredar lugares desconhecidos. Onde teria conseguido aquela coisa extravagante? Ele não se lembrava de a ter visto em nenhum museu de Arkham. Devia ser de algum lugar, porém; e a visão dela, quando se agarrara a ela em seu sono, devia ter provocado a curiosa imagem onírica do terraço abalaustrado. No dia seguinte, ele faria algumas investigações muito discretas — e talvez procurasse o especialista em nervos.

Até lá, tentaria investigar melhor o seu sonambulismo. Ao subir a escada e cruzar o vestíbulo do sótão, tratou de espalhar um pouco de farinha que havia tomado emprestado — admitindo francamente seu propósito — do senhorio. No caminho, ele havia parado à porta de Elwood, mas percebera que o quarto estava às escuras. Entrando em seu quarto, colocou a coisa eriçada na mesa e deitou-se de roupas em completa exaustão física e mental. Do desvão fechado acima do teto inclinado, ele pensava captar um som fraco de arranhões e arrastar de pés, mas estava confuso demais para se importar. Aquela misteriosa atração para o norte estava crescendo novamente, não obstante parecesse vir agora de um local mais baixo do céu.

Na deslumbrante luminosidade violeta do sonho,

a velha e a coisa peluda com presas reapareceram e com uma nitidez maior do que em qualquer ocasião anterior. Desta feita elas realmente o alcançaram e ele sentiu as garras encarquilhadas da megera se agarrarem nele. Foi atirado para fora da cama e para o espaço vazio, e por um momento ouviu um bramido cadenciado e viu a infirmitade crepuscular dos obscuros abismos fervilhando ao seu redor. Mas aquilo durou muito pouco pois agora ele estava em um pequeno espaço vazio e sem janelas, com vigas e tábuas ásperas formando uma cumeeira bem acima de sua cabeça e com um curioso piso inclinado sob os pés. Largadas no piso estavam caixas cheias de livros de todos os graus de antigüidade e deterioração, e no centro havia uma mesa e um banco, ambos aparentemente fixados no lugar. Pequenos objetos de forma e natureza desconhecidas estavam colocados sobre as tampas das caixas, e sob a reluzente luz violeta Gilman pensou ver uma duplicata da imagem eriçada que tanto o havia intrigado. No lado esquerdo, o assoalho descia abruptamente, deixando uma abertura triangular escura pela qual, depois de um rápido chocalhar seco, a odiosa coisinha peluda de colmilhos amarelos e face humana barbada subia agora.

A sarcástica megera ainda estava agarrada a ele e no outro lado da mesa estava uma figura que ele jamais vira anteriormente — um homem magro e alto, de cor negra mortiça, mas sem o menor sinal de feições negróides; absolutamente desprovido de cabelo e barba, e usando, como única vestimenta, um manto informe de algum pesado tecido preto. Seus pés ficavam encobertos pela mesa e o banco, mas ele devia estar calçado pois ouvia-se um estalido toda vez que ele mudava de

posição.

O homem não falava e não revelava nenhuma expressão em suas feições miúdas e regulares. Ele simplesmente apontava para um livro de tamanho prodigioso que estava aberto sobre a mesa, enquanto a megera enfiava uma enorme pena cinzenta na mão direita de Gilman. Uma mortalha de desvairante pavor pairava sobre tudo e o clímax veio quando a coisa peluda subiu pelas roupas até o ombro do jovem adormecido e depois desceu pelo seu braço esquerdo, mordendo-o com força, finalmente, no pulso, logo abaixo do punho da camisa. Quando o sangue jorrou desse ferimento, Gilman desmaiou.

Ele despertou na manhã do dia 22 com uma dor no pulso esquerdo e viu que o punho da camisa estava pardo de sangue ressecado. Suas lembranças eram confusas, mas a cena com o homem negro no espaço desconhecido persistia vividamente. Devia ter sido mordido pelos ratos enquanto dormia, provocando o clímax daquele sonho aterrador. Abrindo a porta, notou que a farinha no piso do corredor estava intacta, exceto pelas enormes pegadas do sujeito desengonçado que habitava a outra ponta do sótão. Ele não andara dormindo desta vez, portanto. Mas alguma coisa devia ser feita com respeito àqueles ratos. Ele falaria com o senhorio. Novamente procurou tapar o buraco na base da parede inclinada, entalando ali uma vela que parecia ter um tamanho apropriado. Seus ouvidos retiniam terrivelmente com o que pareciam ser os ecos residuais de algum ruído pavoroso ouvido em sonhos.

Enquanto se banhava e mudava de roupas, Gilman tentava lembrar o que havia sonhado depois da

cena no espaço imerso em luz violeta, mas nada de preciso cristalizou-se em sua mente. Aquele cenário devia corresponder ao desvão fechado lá do alto que começara a assediar tão insistentemente sua imaginação, mas as impressões posteriores eram fracas e nebulosas. Havia sugestões dos vagos abismos crepusculares e de abismos ainda mais vastos e escuros além deles — abismos onde todas as sugestões definidas estavam ausentes. Ele havia sido levado até lá pelos aglomerados borbulhantes e o pequeno poliedro que sempre o perseguiram; mas estes, como ele próprio, haviam se transformado em fragmentos nebulosos naquele vazio mais remoto de absoluta escuridão. Alguma outra coisa havia seguido na frente — um fragmento maior que, de tempos em tempos, condensava-se em indescritíveis aproximações de forma — e ele achava que seu avanço não havia sido em linha reta, mas pelas curvas estranhas à física e à matemática de algum vórtice etéreo que obedecia a leis desconhecidas da física e da matemática de qualquer cosmos concebível. Finalmente, houvera uma sugestão de vastas sombras saltitantes, de monstruosa pulsação sub-acústica e do tênue sopro monótono de uma flauta invisível — mas isto fora tudo. Gilman decidiu que havia adquirido aquela última noção das coisas que lera no Necronomicon sobre a indiferente entidade Azathoth, que comanda todo o tempo e o espaço de um trono negro no centro do Caos.

Depois de lavar o sangue, o ferimento do pulso se revelou superficial e Gilman ficou intrigado com a localização dos dois minúsculos furos. Ocorreu-lhe que não havia nenhum sangue nas cobertas da cama onde estava deitado, o que era muito curioso, tendo em vista a

quantidade em sua pele e no punho da camisa. Teria andado dormindo dentro do quarto e o rato o teria mordido enquanto estava sentado em alguma cadeira ou parado em alguma posição menos comum? Procurou por gotas ou manchas pardacentas em toda parte, mas não as encontrou. O melhor, pensou, teria sido espalhar farinha fora e dentro do quarto — muito embora não fosse mais necessária nenhuma prova de que andava durante o sono, afinal. Ele sabia que andava — e o que havia a fazer, agora, era acabar com isso. Devia pedir ajuda a Frank Elwood. Naquela manhã, as estranhas atrações do espaço pareceram arrefecer, embora fossem substituídas por uma outra sensação ainda mais inexplicável. Tratava-se de um vago, insistente impulso para fugir de sua situação presente, mas sem qualquer sugestão de direção específica para onde fugir. Quando pegou a curiosa imagem eriçada sobre a mesa, imaginou que a antiga atração para o norte ficara um pouquinho mais forte, mas mesmo assim esta era totalmente sobrepujada pelo impulso mais novo e mais desconcertante.

Ele levou a imagem eriçada ao quarto de Elwood, esquivando-se das lamúrias do ajustador de teares que subiam do térreo. Elwood estava em casa, graças aos céus, e parecia estar agitado. Havia tempo para uma conversa antes de sair para o café da manhã e a universidade, por isso Gilman despejou apressadamente um relato de seus recentes sonhos e pavores. Seu hospedeiro foi muito simpático e concordou com a necessidade de fazer alguma coisa. Ele ficou estarelecido com a aparência perturbada, macilenta, de seu hóspede, e notou o curioso e anormal bronzeado que outros haviam observado na semana anterior. Não havia muito, porém,

que pudesse dizer. Ele não havia visto Gilman em nenhuma expedição sonambúlica e não tinha a menor idéia do que poderia ser a curiosa imagem. Tinha, porém, ouvido o franco-canadense, que se alojava bem debaixo de Gilman, conversar com Mazurewicz certa noite. Eles comentavam o quanto temiam a chegada da Noite de Walpurgis, agora a poucos dias de distância, e trocavam comentários apiedados sobre o pobre jovem cavaleiro condenado. Desrochers, o sujeito que morava sob o quarto de Gilman, havia falado de passos noturnos calçados e descalços, e da luz violeta que vira certa noite quando se esgueirara para cima para espiar pelo buraco da fechadura de Gilman. Ele contou a Mazurewicz que não ousara espiar depois de vislumbrar a luz passando pelas frestas em torno da porta. Tinham havido cochichos também — e quando ele começara a descrevê-los, sua voz afundara em um sussurro inaudível.

Elwood não podia imaginar o que aquelas criaturas supersticiosas teriam tagarelado, mas supunha que suas imaginações teriam sido incitadas pelas andanças e conversas de Gilman durante o sono, em horas tardias, e pela proximidade da tradicionalmente temida Véspera do primeiro dia Maio. Que Gilman andava durante o sono estava claro, e era, obviamente, das escutas pela fechadura, por Desrochers, que a idéia enganosa da onírica luz violácea se espalhara. Essas pessoas simplórias não perdiam tempo para imaginar que teriam visto alguma coisa estranha de que tivessem ouvido falar. Quanto a um plano de ação — o melhor era mudar-se para o quarto de Elwood para não dormir sozinho. Elwood, se estivesse acordado, o acordaria sempre que ele começasse a falar ou se levantasse

durante o sono. Além disso, ele deveria consultar um especialista o mais breve possível. Enquanto isto, eles levariam a imagem eriçada para vários museus e alguns professores, procurando identificá-la, e diriam que ela havia sido encontrada em uma lata de lixo pública. E Dombrowski devia cuidar de envenenar aqueles ratos do sótão.

Confortado pelo companheirismo de Elwood, Gilman assistiu às aulas daquele dia. Estranhos impulsos ainda o assediavam, mas ele conseguiu controlá-los com considerável êxito. Durante um horário livre, mostrou a curiosa imagem para vários professores que ficaram profundamente interessados, mas nenhum pôde lançar alguma luz sobre a sua natureza ou origem. Naquela noite, ele dormiu em um divã que Elwood fizera o senhorio trazer do quarto do segundo andar, e, pela primeira vez em semanas, ficou inteiramente livre de sonhos inquietantes. Mas a condição febril persistia e os lamentos do ajustador de teares exerciam uma influência perturbadora.

Nos dias subseqüentes, Gilman desfrutou de uma imunização quase perfeita contra manifestações mórbidas. Segundo Elwood, ele não havia mostrado nenhuma tendência a falar ou se levantar durante o sono, e, enquanto isso, o senhorio estava espalhando veneno de rato por toda parte. O único elemento perturbador era a conversa entre os estrangeiros supersticiosos, cuja imaginação ficara extremamente excitada. Mazurewicz estava sempre tentando fazer com que ele arranjasse um crucifixo e acabou empurrando-lhe um que, segundo diziam, teria sido abençoado pelo bom Padre Iwanicki. Também Desrochers tinha algo a dizer; ele insistia em

que os passos cautelosos haviam soado no quarto, agora vago, por cima do seu, na primeira e segunda noites em que Gilman estivera ausente. Paul Choynski pensava ter ouvido sons nos corredores e nas escadas à noite, e afirmava que alguém havia experimentado suavemente sua porta, enquanto a Sra. Dombrowski jurava ter visto Brown Jenkin pela primeira vez desde o Dia de Todos os Santos. Mas esses relatos ingênuos podiam significar muito pouco, e Gilman deixou o crucifixo de metal barato pendurado descuidadamente em um puxador do guarda-roupa de seu hospedeiro.

Durante três dias, Gilman e Elwood escrutinaram os museus locais tentando identificar a curiosa imagem eriçada, sem nenhum sucesso. Em toda parte, porém, o interesse era intenso, pois a total estranheza da coisa representava um tremendo desafio para a curiosidade científica. Um dos pequenos braços radiais fora seccionado e submetido a análises químicas. O professor Ellery descobrira platina, ferro e telúrio na estranha liga, mas misturados com esses elementos havia pelo menos três outros de peso atômico alto que a química se mostrou absolutamente impotente para classificar. Não só não correspondiam a nenhum elemento conhecido, como nem mesmo se encaixavam nos lugares vazios reservados para elementos prováveis no sistema periódico. O mistério permanece sem solução até hoje, embora a imagem esteja em exposição no museu da Universidade de Miskatonic.

Na manhã de 27 de abril, surgiu um novo buraco de rato no quarto onde Gilman estava hospedado, mas Dombrowski vedou com lata durante o dia. O veneno não estava surtindo muito efeito, pois os arranhões e

correrias atrás das paredes não haviam virtualmente diminuído. Elwood ficou fora até tarde naquela noite e Gilman esperou por ele. Não queria dormir sozinho no quarto — especialmente depois que pensou ter vislumbrado, no lusco-fusco do entardecer, a repelente velha cuja imagem se transportara tão terrivelmente para seus sonhos. Ficou cismando quem seria ela e o que estaria perto dela chocalhando a lata de estanho, em um monte de entulho à boca de um esquálido quintal. A megera parecia havê-lo notado e lançado um maligno olhar enviesado para ele — embora isto possivelmente tivesse sido um mero fruto de sua imaginação.

No dia seguinte, os dois jovens estavam muito cansados, sabendo que dormiriam profundamente à noite. Ao anoitecer, discutiram sonados os estudos de matemática que tão completa e, talvez, perniciosamente, haviam interessado Gilman, e especularam sobre sua relação com magia antiga e folclore que parecia tão misteriosamente provável. Falaram da velha Keziah Mason, e Elwood concordou em que Gilman tinha bons fundamentos científicos para pensar que ela poderia ter encontrado informações estranhas e significativas. Os cultos secretos a que essas bruxas pertenciam, guardavam e legavam segredos surpreendentes de eras ancestrais e esquecidas; e não era absolutamente impossível que Keziah houvesse efetivamente dominado a arte de cruzar passagens dimensionais. A tradição enfatiza a inutilidade de barreiras materiais para impedir a locomoção de bruxas, e quem poderia dizer o que está subjacente às velhas histórias de vãos noturnos em cabos de vassoura?

Se algum estudioso moderno puder, algum dia,

obter poderes similares, apenas da pesquisa matemática, o futuro dirá. O êxito, acrescentava Gilman, poderia provocar situações perigosas e impensáveis, pois quem seria capaz de prever as condições reinantes em uma dimensão adjacente, mas normalmente inacessível? Por outro lado, as pitorescas possibilidades eram enormes. O tempo poderia não existir em certos cinturões do espaço, e entrando-se e permanecendo em um deles, a pessoa poderia conservar indefinidamente a vida e a idade, sem sofrer os efeitos do metabolismo orgânico ou da decadência, exceto pelas pequenas quantidades durante as visitas ao próprio plano da pessoa, ou a algum similar. Poder-se-ia, por exemplo, transitar para uma dimensão sem tempo e emergir em algum período remoto da história da Terra tão jovem como antes.

Difícilmente se poderia conjeturar, com algum grau de autoridade, se alguém jamais conseguira fazer isto. As lendas antigas são nebulosas e ambíguas, e nos tempos históricos, todas as tentativas de transpor passagens interditas parecem complicadas por estranhas e terríveis alianças com seres e mensageiros de fora. Havia a imemorial figura do representante ou mensageiro de potências terríveis e secretas — o “Homem Negro” do culto das bruxas, e o “Nyarlatheptep” do Necronomicon. Havia, também, o problema desconcertante de mensageiros ou intermediários menores — os quase animais e híbridos singulares descritos pela lenda como servidores das bruxas. Quando Gilman e Elwood se recolheram, sonolentos demais para seguir discutindo, ouviram Joe Mazurewicz andar cambaleando, meio embriagado, pela casa, e estremeceram com o desesperado ardor de suas

lamurientas orações.

Naquela noite, Gilman viu a luz violácea novamente. Em seu sonho, ele havia escutado os arranhões e roeduras nos tabiques, e imaginou que alguém manejava canhestramente o trinco. Então ele viu a velha e a coisinha peluda avançando para ele, sobre o chão acarpetado. A face da megera estava iluminada por uma exultação desumana e a pequena coisa mórbida de dentes amarelos ria zombeteiramente apontando para a forma pesadamente adormecida de Elwood no sofá, no outro lado do quarto. Um medo paralisante obstruiu todas as tentativas de Gilman gritar. Como já havia acontecido anteriormente, a hedionda velha agarrou Gilman pelos ombros, arrancando-o do leito e atirando-o no espaço vazio. Novamente a infinitude dos abismos uivantes passou vertiginosamente por ele, mas um segundo depois ele se imaginava em uma viela escura, lamacenta, desconhecida, exalando fétidos odores, com as paredes decadentes de antigas casas se elevando dos dois lados.

À frente estava o homem de manto preto que ele havia visto no espaço pontiagudo do outro sonho, enquanto, a uma distância menor, a velha fazia acenos e caretas imperiosamente para ele. Brown Jenkin esfregava-se com uma espécie de afetuosa alegria nos tornozelos do homem negro, que a lama funda ocultava quase inteiramente. Havia uma escura passagem aberta à direita, para a qual o homem preto apontava silenciosamente. Para lá caminhou a zombeteira megera, arrastando Gilman atrás de si pela manga do pijama. Ali existia uma escada nauseabunda que estalava ameaçadoramente e sobre a qual a velha parecia irradiar

uma tênue luz violeta e, finalmente, uma porta saindo de uma plataforma entre dois lances da escada. A megera moveu o trinco e abriu a porta, gesticulando para Gilman esperar, e desapareceu pela escura passagem.

Os ouvidos supersensíveis do jovem captaram um hediondo grito estrangulado e a megera saiu do quarto carregando uma pequena forma inerte que atirou para o sonhador como que ordenando-lhe que a carregasse. A visão dessa forma e da expressão em seu rosto quebraram o encanto. Aturdido demais para gritar, ele disparou precipitadamente pela ruidosa escada abaixo e para a lama exterior, só parando ao ser agarrado e estrangulado pelo homem negro que estava à sua espera. Enquanto perdia a consciência, ouviu o fraco e arrepiante riso escaminho da aberração parecida com um rato, com presas.

Na manhã do dia 29, Gilman acordou em um vórtice de horror. No momento em que abriu os olhos, sabia que alguma coisa estava terrivelmente errada, pois estava de volta a seu velho quarto do sótão com a parede e o teto inclinados, deitado sobre uma cama agora desfeita. Sua garganta doía inexplicavelmente, e, enquanto lutava para sentar-se, viu, com crescente pavor, que seus pés e as barras do pijama estavam manchados de lama endurecida. Naquele momento, suas lembranças estavam inapelavelmente confusas, mas pelo menos tinha a certeza de que devia ter andado durante o sono. Elwood estava mergulhado em um sono profundo demais para ouvi-lo e impedi-lo. No chão, havia confusas pegadas de lama, mas estranhamente elas não se dirigiam para a porta. Quanto mais Gilman as observava, mais peculiares elas pareciam, pois além daquelas que

podia reconhecer como suas, havia umas marcas menores, quase redondas — como as pernas de uma grande cadeira ou mesa poderiam deixar, exceto que a maioria estava partida no meio. Havia também umas curiosas pegadas enlameadas de rato saindo do novo buraco e voltando para ele. Um espanto absoluto e o medo da loucura torturavam Gilman, enquanto ele cambaleava até a porta e verificava que não havia pegadas de lama do lado de fora. Quanto mais ele recordava este sonho hediondo, mais aterrorizado se sentia, e seu desespero só fez aumentar quando ouviu Joe Mazurewicz entoando suas lamúrias dois pisos abaixo.

Descendo para o quarto de Elwood, ele acordou seu hospedeiro e pôs-se a contar-lhe tudo, mas Elwood não conseguiu fazer idéia do que realmente poderia ter acontecido. Onde Gilman poderia ter estado, como ele voltara para seu quarto sem deixar pegadas no vestíbulo e como as pegadas lamacentas parecidas com marcas de móveis se misturavam com as suas no quarto do sótão, estavam fora do alcance de qualquer conjectura. E havia aquelas marcas obscuras, lívidas, em sua garganta, como se ele houvesse tentado estrangular a si mesmo. Gilman colocou as mãos sobre elas percebendo que, nem de longe, se encaixavam. Enquanto conversavam, Desrochers entrou para dizer que ouvira um terrível fragor no alto, nas primeiras horas da madrugada. Não, ninguém estivera na escada depois da meia-noite, embora, um pouco antes dessa hora, ele tivesse ouvido passos macios no sótão e passos cautelosos descendentes que não o agradaram. Era um período muito ruim do ano para Arkham, acrescentou. Seria bom que o jovem cavalheiro usasse o crucifixo que Joe Mazurewicz lhe

dera. Nem mesmo o período diurno era seguro, pois mesmo depois de amanhecer, sons estranhos podiam ser ouvidos na casa – especialmente um fino choro infantil rapidamente abafado.

Gilman assistiu mecanicamente às aulas daquela manhã, mas foi inteiramente incapaz de concentrar a mente nos estudos. Presa de um estado de odiosa apreensão e expectativa, ele parecia estar esperando a chegada de algum golpe aniquilador. Ao meio-dia, almoçou na cantina da universidade, pegando um jornal no assento ao lado enquanto esperava pela sobremesa. Mas ele não comeu aquela sobremesa pois um artigo na primeira página do jornal deixou-o atônito, de olhos arregalados, capaz apenas de pagar a conta e cambalear de volta ao quarto de Elwood.

Houvera um estranho rapto na noite anterior na ruela Orne e o filho de dois anos de uma rude operária de lavanderia chamada Anastasia Wolejko desaparecera completamente.

A mãe, ao que parece, temia essa possibilidade havia algum tempo, mas as razões que ela alegou para seu temor eram tão grotescas que ninguém as levava a sério. Dizia ela ter visto Brown Jenkin por perto de sua casa, algumas vezes, desde o começo de março, e ter sabido por suas caretas e risadinhas que o pequeno Ladislav estaria marcado para o sacrifício no pavoroso Sabbath da Noite de Walpurgis. Ela havia pedido para sua vizinha, Mary Czaneck, dormir no quarto e tentar proteger a criança, mas Mary não ousara. Não poderia ter contado à polícia pois eles nunca acreditavam nessas coisas. Crianças eram levadas daquele jeito todos os anos, desde que ela conseguia se lembrar. E seu companheiro,

Pete Stowacki, não ajudaria porque queria a criança fora do caminho.

Mas o que fez Gilman suar frio foi a notícia de um par de boêmios que estava passando pela entrada da galeria pouco depois da meia-noite. Eles admitiram que estavam bêbados, mas ambos juraram ter visto um trio vestido com espalhafato entrando furtivamente pela escura passagem. Havia, segundo eles, um enorme negro encapuzado, uma velhinha esfarrapada e um jovem branco em roupas de dormir. A velha arrastava o jovem, enquanto, em torno dos pés do negro, um rato manco se esfregava e refocilava na lama escura.

Gilman ficou sentado, atônito, durante toda a tarde, e Elwood — que neste ínterim havia lido os jornais e tirara terríveis conjecturas — assim o encontrou ao voltar para casa. Desta vez, nenhum deles poderia duvidar que alguma coisa odiosamente grave estava se fechando ao seu redor. Entre os fantasmas de pesadelo e as realidades do mundo objetivo, uma relação monstruosa e inimaginável estava se cristalizando, e somente uma vigilância estupenda poderia impedir desdobramentos ainda mais tenebrosos. Gilman devia procurar um especialista mais cedo ou mais tarde, mas não exatamente agora, quando todos os jornais estavam cheios do assunto do rapto.

A obscuridade do que realmente acontecera era enlouquecedora e, por um momento, Gilman e Elwood cochicharam teorias das mais desvairadas. Teria Gilman inconscientemente conseguido mais do que seus estudos do espaço e suas dimensões permitiriam? Teria realmente saído de nossa esfera para lugares insuspeitos e inimagináveis? Onde — se isso fosse verdade — teria

ele estado naquelas noites de infernal alienação? Os estrondeantes abismos crepusculares, a encosta verdejante, o terraço fervilhante, as atrações vindas das estrelas, o vórtice negro final, o homem negro, a viela lamacenta e a escada, a velha bruxa e o horror peludo com presas, os aglomerados borbulhantes e o pequeno poliedro, o estranho bronzeado, o ferimento no pulso, a estatueta inexplicável, os pés enlameados, as marcas na garganta, as histórias e o terror de estrangeiros supersticiosos, o que significava isso tudo? Em que medida as leis da sanidade mental se aplicariam em um caso assim?

Nenhum dos dois dormiu naquela noite, mas no dia seguinte ambos mataram as aulas e cochilaram. Era o 30 de abril e com o crepúsculo chegaria o diabólico período Sabático que todos os estrangeiros e os velhos supersticiosos temiam. Mazurewicz chegara às 6 horas dizendo que o pessoal da tecelagem estava comentando que as orgias de Walpurgis seriam realizadas na ravina escura além de Meadow Hill, onde a antiga pedra branca se ergue em um terreno curiosamente desprovido de toda vida vegetal. Alguns chegaram a contar isto à polícia, aconselhando-a a procurar ali pela criança Wolejko desaparecida, mas sem acreditar que alguma coisa seria feita. Joe insistiu em que o pobre cavaleiro usasse seu crucifixo com corrente de níquel e Gilman pendurou-o no pescoço e enfiou-o por dentro da camisa para agradar o sujeito.

Tarde da noite, os dois jovens estavam sentados sonolentos em suas cadeiras, embalados pelas orações do ajustador de teares no andar de baixo. Gilman, cabeceando de sono, ouvia, e sua audição

sobrenaturalmente aguda parecia tentar perceber algum sutil e temido murmúrio por trás dos ruídos da velha casa. Doentias recordações de coisas no Necronomicon e no Livro Negro jorravam e ele se via balançando aos abomináveis ritmos que pertenceriam às mais negras celebrações do Sabbath, originários de fora do tempo e do espaço que conhecemos.

Naquele momento, ele percebeu o que estava escutando – o canto infernal dos celebrantes no distante vale tenebroso.

Como poderia saber tanto sobre o que eles esperavam? Como poderia saber o momento em que Nahab e seu acólito deviam conduzir a tigela transbordante que acompanharia o galo preto e o bode preto? Ele percebeu que Elwood adormecera e tentou acordá-lo. Algo, porém, fechou a sua garganta. Ele não era mais senhor de si. Teria assinado o livro do Homem Negro afinal?

Então sua audição febril, anormal, captou as distantes notas sopradas pelo vento. Por milhas de colinas, campos e vielas elas vieram, mas ainda assim as reconheceu. As fogueiras deviam estar acesas e os dançarinos deviam estar começando. Como poderia não ir? O que é que o havia enredado? Matemática, folclore, a casa, a velha Keziah, Brown Jenkin... e agora ele percebia um novo buraco de rato na parede perto de seu sofá. Por cima do canto distante e da oração mais próxima de Joe Mazurewicz, um outro som se fazia ouvir – um arranhar persistente, furtivo, nos tabiques. Ele rezava para a luz elétrica não se apagar. E foi então que ele viu o pequeno rosto barbado com presas no buraco de rato – o maldito rosto barbado, que ele enfim percebeu, guardava uma

semelhança tão chocante e zombeteira com o da velha Keziah — e ouviu alguém mexendo levemente na porta.

Os formidáveis abismos crepusculares flamejaram à sua frente e ele sentiu-se perdido em meio ao informe aperto dos iridescentes aglomerados borbulhantes. Corria, à sua frente, o pequeno poliedro caleidoscópico, e, por todo o espaço revoltado, uma elevação e aceleração do vago padrão tonal pareciam anunciar algum indescritível e insuportável clímax. Ele parecia saber o que estava para vir — a monstruosa eclosão do ritmo de Walpurgis, em cujo timbre cósmico se concentrariam todas as convulsões do espaço-tempo extremo, primordial, que existem por trás das esferas concentradas de matéria e às vezes irrompem em reverberações uniformes que penetram suavemente em cada camada de entidade e dão um significado hediondo, através dos mundos, a certos períodos terríveis.

Mas tudo isto se desfez em um segundo. Ele estava novamente no espaço pontiagudo violáceo com o piso inclinado, as caixas de livros antigos, o banco e a mesa, os objetos estranhos e o buraco triangular a um canto. Na mesa estava uma pequena figura branca — um menino, despido e inconsciente —, enquanto no outro, a monstruosa velha olhava de esguelha com uma faca cintilante, de cabo grotesco, na mão direita e uma curiosa tigela de metal claro gravada com motivos bizarros e com alças laterais delicadas na esquerda. Ela entoava algum ritual grasnado em uma língua que Gilman não conseguia compreender, mas que lhe pareceu alguma coisa mencionada discretamente no Necronomicon.

Quando a cena se tomou mais clara, ele viu a velha

megera curvar-se para a frente e empurrar a tigela vazia por cima da mesa— e, incapaz de controlar suas emoções, ele se esticou para a frente e pegou-a com as duas mãos, reparando, ao fazê-lo, sua relativa leveza. No mesmo instante, a forma repugnante de Brown Jenkin escalou a borda do escuro buraco triangular à sua esquerda. A megera fez-lhe um sinal para ele segurar a tigela em uma certa posição enquanto erguia a enorme e grotesca faca acima da pequena vítima branca o mais alto que sua mão conseguia alcançar. A coisa peluda com presas começou a soprar uma continuação do misterioso ritual, enquanto a bruxa grasnava respostas repugnantes. Gilman sentiu uma abominação pungente atravessar sua paralisia mental e emocional fazendo a tigela de metal balançar em sua mão. Um segundo depois, o movimento descendente da faca quebrou completamente o encanto e ele deixou cair a vasilha ruidosamente enquanto suas mãos se atiravam para frente, impetuosamente para impedir o ato monstruoso.

Em um instante, ele havia contornado o piso inclinado ao redor da extremidade da mesa e arrancado a faca das garras da velha, atirando-a com estrépito pela borda do estreito buraco triangular.

Um instante mais, porém, as coisas se inverteram, pois aquelas garras assassinas tinham se fechado firmemente em torno de sua garganta, enquanto a face encarquilhada de velha se retorcia em uma fúria insana. Ele sentiu a corrente do crucifixo barato raspando em seu pescoço e, no auge do perigo, tentou imaginar como a visão do objeto poderia afetar a maligna criatura. Sua força era absolutamente sobre-humana, mas, enquanto ela prosseguia o estrangulamento, ele tateou febrilmente

por baixo de sua camisa e puxou para fora o símbolo de metal, estalando a corrente e libertando-o.

À vista do objeto, a bruxa pareceu transida de medo e seu aperto relaxou o suficiente para Gilman se libertar completamente. Ele afastou as garras de aço de seu pescoço e teria arrastado a megera para a borda do buraco se as garras não tivessem recebido um novo surto de força, fechando-se novamente. Desta vez, ele resolveu revidar da mesma maneira, e suas mãos estenderam-se para a garganta da criatura. Antes de ela perceber o que estava fazendo, ele enrolara a corrente do crucifixo em torno do pescoço da megera e, logo em seguida, apertara-a o suficiente para cortar sua respiração. Durante essa última batalha, ele sentiu alguma coisa morder seu calcanhar e viu que Brown Jenkin viera em ajuda da velha. Com um único chute violento ele atirou a mórbida excrescência pela borda do buraco, ouvindo-a choramingar em algum nível muito inferior.

Se conseguira matar a velha bruxa, ele não sabia, mas deixou-a largada no chão onde ela caíra. Então, ao virar-se, viu sobre a mesa algo que quase lhe cortou o último fio de razão. Brown Jenkin, enérgico e dotado de quatro minúsculas mãos infernalmente destros, fizera o serviço enquanto a bruxa tentava estrangulá-lo e seus esforços haviam sido em vão. O que ele impedira a faca de fazer no peito da vítima, as presas amarelas da aberração peluda tinham feito em um pulso — e a tigela, tão tardiamente atirada no chão, estava cheia ao lado do pequeno corpo sem vida.

Em seu delírio onírico, Gilman ouviu o ritmo alienígena do canto infernal do Sabbath, chegando de uma distância infinita, e sabia que o homem negro devia

estar lá. Lembranças confusas misturavam-se com suas fórmulas matemáticas, e ele acreditava ter em seu subconsciente os ângulos de que precisava para guiá-lo de volta ao mundo normal sem ajuda, pela primeira vez. Tinha a certeza de estar no desvão imemorialmente trancado no alto de seu quarto, mas duvidava seriamente se conseguiria escapar pelo piso inclinado ou pela saída bloqueada. Ademais, a escapada de um desvão onírico simplesmente não o levaria a uma casa onírica — uma projeção anormal do lugar verdadeiro que ele buscava? Ele estava inteiramente confuso sobre a relação entre sonho e realidade em todas suas experiências.

A passagem para os vagos abismos seria apavorante, pois o ritmo de Walpurgis estaria vibrando, e ele teria que ouvir aquela pulsação cósmica, até então velada, que tão terrivelmente temia. Mesmo agora ele podia detectar uma batida baixa, monstruosa, cujo ritmo ele adivinhava perfeitamente. Nos períodos de Sabbath, ela sempre crescia percorrendo os mundos para convocar os iniciados para ritos indescritíveis. Metade dos cantos de Sabbath eram moldados sobre essa pulsação fracamente percebida, que nenhum ouvido terrestre poderia suportar em sua plenitude espacial. Gilman gostaria também de saber se poderia confiar em seus instintos para levá-lo de volta à parte certa do espaço. Como poderia ter certeza de não pousar naquela encosta de luz esverdeada, de um planeta distante, no terraço ladrilhado acima da cidade dos monstros tentaculados, em algum lugar além da galáxia ou nos vórtices negros espirais daquele vazio extremo de Caos onde reina o indiferente sultão demoníaco Azathoth?

Pouco antes de dar o mergulho, a luz violeta

extinguuiu-se deixando-o na mais absoluta escuridão. A bruxa, a velha Keziah, Nahab, aquilo devia significar a sua morte. E misturado com o distante canto de Sabbath e as lamúrias de Brown Jenkin no abismo abaixo, ele pensou ouvir um outro lamento mais desvairado chegando de profundezas desconhecidas. Joe Mazurewicz – as orações contra o Caos Rastejante agora se tornando um grito inexplicavelmente triunfante – mundos de sardônica realidade imiscuindo-se em voragens de sonho febril – lä! Shub-Niggurath! O Bode de Mil filhos...

Encontraram Gilman caído no chão de seu antigo quarto do sótão muito antes do amanhecer, pois o grito terrível atraía Desrochers, Choynski, Dombrowski e Mazurewicz, ao mesmo tempo, e conseguira inclusive acordar Elwood que estava profundamente adormecido em sua cadeira. Gilman estava vivo e com os olhos abertos, arregalados, mas parecia inconsciente. Em sua garganta havia marcas de mãos assassinas, e em seu calcanhar esquerdo, uma dolorosa mordida de rato. Suas roupas estavam terrivelmente amarfanhadas e o crucifixo de Joe havia desaparecido. Elwood tremia, temendo até especular que nova forma as andanças no sono de seu amigo haviam tomado. Mazurewicz parecia meio estupificado por um “sinal” que teria recebido em resposta a suas orações e benzia-se freneticamente quando o guincho e os soluços de um rato soavam de trás do tabique inclinado.

Depois de acomodar o sonhador em seu divã no quarto de Elwood, mandaram chamar o Doutor Malkowski – um médico local que não repetiria histórias quando elas pudessem se tornar embaraçosas –

e ele aplicou duas injeções em Gilman que fizeram-no relaxar e cair em uma espécie de torpor natural. Durante o dia, o paciente recuperava ocasionalmente a consciência e murmurava desconexamente seu mais novo sonho a Elwood. Era um processo doloroso e, desde o início, trouxe um fato novo e desconcertante.

Gilman — cujos ouvidos haviam ultimamente adquirido uma sensibilidade anormal — estava completamente surdo. O Doutor Malkowski, convocado novamente às pressas, disse a Elwood que os dois tímpanos do rapaz estavam perfurados, como se tivessem sofrido o impacto de algum som estupendo, cuja intensidade ia além da capacidade humana de conceber ou suportar. Como semelhante som poderia ter sido ouvido nas últimas horas sem despertar todo o Vale do Miskatonic, ia além do que o honrado médico poderia dizer.

Elwood escrevia sua parte do diálogo em papel para facilitar a comunicação. Nenhum deles sabia o que fazer de todo aquele assunto caótico e decidiram que seria melhor pensar o menos possível nele. Ambos concordaram, porém, em que deviam sair daquela velha e amaldiçoada casa o quanto antes. Os jornais vespertinos falavam de uma batida policial em alguns estranhos foliões, em uma ravina além de Meadow Hill, pouco antes do alvorecer, e mencionavam que a pedra branca era um objeto de antiga admiração supersticiosa. Ninguém fora detido, mas entre os fugitivos fora vislumbrado um enorme negro. Em outra coluna, afirmava-se que nenhum vestígio da criança desaparecida, Ladislav Wolejko, fora encontrado.

O coroamento do horror veio naquela mesma

noite. Elwood jamais o esquecerá e foi forçado a ficar fora da universidade pelo resto daquele período em consequência de uma crise nervosa. Ele pensara estar ouvindo ratos por trás do tabique durante toda a noite, mas não lhes prestou muita atenção. Então, muito depois de Gilman e ele se recolherem, os uivos atrozes começaram. Elwood saltou da cama, acendeu as luzes e correu para o sofá de seu hóspede. O visitante emitia sons realmente desumanos, parecendo afligido por algum tormento indescritível. Ele se retorcia debaixo das cobertas e uma grande mancha vermelha começou a se formar nos lençóis.

Elwood mal ousava tocá-lo, mas gradualmente os gritos e contorções foram diminuindo. A esta altura, Dombrowski, Choynski, Desrochers, Mazurewicz e o locatário do último andar estavam aglomerados à porta e o senhorio mandara a mulher chamar o Doutor Malkowski. Todos gritaram quando uma grande forma semelhante a um rato saltou abruptamente de dentro das cobertas ensangüentadas e correu pelo assoalho até um buraco novo que ficava por perto. Quando o médico chegou e começou a retirar aquelas pavorosas cobertas, Walter Gilman estava morto.

Seria incorreto fazer algo mais que sugerir o que teria matado Gilman. Havia virtualmente um túnel através de seu corpo — alguma coisa havia devorado seu coração. Dombrowski, irritado com a inutilidade de seus esforços para envenenar os ratos, abandonou toda idéia de locação e, no prazo de uma semana, havia se mudado com todos os antigos locatários para uma casa decrepita, mas menos antiga na Rua Walnut. O pior, durante algum tempo, foi manter Joe Mazurewicz calmo, pois o

irrequieto ajustador de teares jamais ficava sóbrio e estava constantemente rezingando e murmurando sobre coisas terríveis e espectrais.

Ao que parece, naquela última e odiosa noite, Joe curvara-se para olhar para as pegadas de rato carmesins que iam do sofá de Gilman ao buraco próximo. No tapete, elas eram muito indistintas, mas havia um pedaço de chão descoberto entre a borda do tapete e o rodapé. Ali Mazurewicz havia encontrado algo monstruoso — ou pensava ter encontrado, pois ninguém poderia verdadeiramente concordar com ele, apesar da inegável estranheza das pegadas. As pegadas no assoalho eram, por certo, muito diferentes das pegadas normais de um rato, mas mesmo Choynski e Desrochers não admitiriam que tinham a aparência das pegadas de quatro pequeninas mãos humanas.

A casa nunca mais foi alugada. Tão logo Dombrowski a deixou, a mortalha da desolação final começou a descer e as pessoas evitavam-na tanto por sua antiga reputação, quanto pelo novo cheiro fétido que ela exalava. Talvez o veneno de rato do antigo senhorio tivesse funcionado afinal, pois não muito tempo depois de sua partida, o lugar se tornou um incômodo para a vizinhança. Funcionários do serviço sanitário localizaram a origem do cheiro nos espaços fechados acima e ao lado do quarto do lado leste do sótão e concordaram em que o número de ratos mortos devia ser enorme. Eles decidiram, porém, que não valia a pena abrir e desinfetar aqueles espaços secularmente fechados, pois o fedor logo passaria e a localidade não era propensa a encorajar medidas dispendiosas. Na verdade, sempre haviam corrido vagas histórias locais sobre odores inexplicáveis

no alto da Casa Assombrada, pouco depois da véspera de 10 de Maio e do Dia das Bruxas. Os vizinhos concordaram com a decisão — mas o fedor, no entanto, constituíra-se em um ponto negativo a mais para o aluguel. Mais adiante, o inspetor de edificações condenou a casa para fins de habitação.

Os sonhos de Gilman e as circunstâncias que os acompanharam jamais foram explicados. Elwood, cujas idéias sobre o episódio todo são, às vezes, quase enlouquecedoras, voltou para a faculdade no outono e graduou-se em junho do ano seguinte. Ao voltar, os rumores espectrais da cidade haviam diminuído muito, e é fato que — apesar de certos relatos de um riso zombeteiro e fantasmagórico, sobre a casa deserta, durarem quase tanto quanto o próprio edifício — nenhuma nova aparição, seja da Velha Keziah, seja de Brown Jenkin, foi cochichada desde a morte de Gilman. Foi uma pena que Elwood não estivesse em Arkham naquele ano posterior em que certos acontecimentos renovaram abruptamente os rumores locais sobre antigos horrores. Por certo ele ouviu sobre o assunto posteriormente e sofreu tormentos indizíveis de tenebrosa e espantada especulação, mas ainda assim isto não foi tão mau quanto a real proximidade que muitas visões possíveis teriam sido.

Em março de 1931, um vendaval derrubou o telhado e a grande chaminé da então vazia Casa Assombrada, fazendo um caos de tijolos, telhas enegrecidas cobertas de limo e tábuas e vigas podres desabarem sobre o desvão e abrirem caminho para o assoalho abaixo. Todo o andar do sótão ficou abarrotado de entulho, mas ninguém se deu ao trabalho de mexer

naquela mixórdia antes da inevitável demolição completa do decrepito edifício. Aquele passo final veio em dezembro seguinte, e quando o velho quarto de Gilman foi desobstruído por operários relutantes e apreensivos, os rumores começaram.

Entre os detritos que haviam desmoronado através do antigo teto inclinado, várias coisas fizeram os operários pararem o serviço e chamarem a polícia. A polícia, por sua vez, chamou o juiz de instrução e vários professores da universidade. Havia ossos – terrivelmente esmagados e estilhaçados, mas claramente reconhecíveis como humanos – cuja data recente conflitava misteriosamente com o período remoto em que o único local onde poderiam estar, o baixo desvão superior de piso inclinado, teria sido supostamente vedado ao acesso humano. O médico legista do juiz concluiu que alguns teriam pertencido a uma criança pequena, enquanto outros – encontrados misturados com trapos de um tecido pardo apodrecido – pertenceriam a uma mulher encurvada, extremamente idosa e muito baixa. Uma análise cuidadosa revelou também muitos ossos minúsculos de ratos apanhados no desastre, bem como ossos de ratos mais antigos, roídos por pequenas presas de um jeito, que produzia muitas controvérsias e reflexões.

Entre outros objetos encontrados, havia fragmentos misturados de muitos livros e jornais, juntamente com uma poeira amarelada, deixada pela desintegração total de livros e diários ainda mais antigos. Todos, sem exceção, pareciam tratar de magia negra em suas formas mais avançadas e tenebrosas; e a data evidentemente recente de certos itens ainda é um

mistério tão insolúvel quanto o dos ossos humanos mais recentes. Um mistério ainda maior é a absoluta homogeneidade da escrita arcaica, garatujada em diversos papéis, cujas condições e marcas d'água sugeriam diferenças de idade de cento e cinquenta a duzentos anos. Para alguns, porém, o maior mistério de todos é a variedade de objetos absolutamente inexplicáveis – objetos cujas formas, materiais, tipos de construção e finalidades escapam a qualquer conjectura – encontrados dispersos entre os detritos em estados de conservação evidentemente diversos. Um desses – que excitou profundamente a curiosidade de muitos professores da universidade Miskatonic – é uma monstruosidade terrivelmente danificada, muito parecida com a estranha estatueta que Gilman doou ao museu da universidade, exceto que é grande, talhado em alguma pedra peculiarmente azulada em vez de metal, e com um pedestal singularmente recortado, entalhado com hieróglifos indecifráveis.

Arqueólogos e antropólogos ainda estão tentando explicar os bizarros desenhos gravados em uma esmagada vasilha de metal leve cujo lado interno apresentava funestas manchas pardas. Forasteiros e avós crédulas tagarelam com igual vigor sobre o moderno crucifixo de níquel, com a corrente partida, encontrado em meio ao entulho e identificado por Joe Mazurewicz como o que ele dera ao pobre Gilman muitos anos atrás. Alguns acreditam que este crucifixo foi arrastado para o desvão fechado por ratos, enquanto outros acham que ele devia estar no assoalho, em algum canto do velho quarto de Gilman, na ocasião. Outros ainda, inclusive o próprio Joe, têm teorias fantásticas e desvairadas demais para

merecerem crédito.

Quando a parede inclinada do quarto de Gilman foi derrubada, descobriu-se que o espaço triangular, antes vedado entre aquele tabique e a parede norte da casa, continha muito menos detritos estruturais, mesmo em proporção a seu tamanho, do que o próprio quarto, embora contivesse uma camada horrível de materiais mais antigos que paralisaram de horror os demolidores. Em suma, o piso era um verdadeiro depósito de ossos de criancinhas – alguns bastante recentes, mas outros, remontando em gradações infinitas, a um período tão remoto que sua desintegração era quase total. Nesta profunda camada de ossos jazia uma faca de grande porte, de antigüidade evidente e com um desenho grotesco, ornamentado e exótico – sobre a qual os detritos se amontoaram.

Em meio a estes detritos, enfiado entre uma tábua caída e uma porção de tijolos cimentados da chaminé derrubada, estava um objeto destinado a causar mais perplexidade, velado pavor e abertas conversas supersticiosas em Arkham, do que qualquer outro encontrado naquele edifício assombrado e maldito. Este objeto era o esqueleto parcialmente esmagado de um enorme rato cuja forma anormal ainda é motivo de discussões e fonte de curiosas reticências entre os membros do departamento de anatomia comparada da Miskatonic. Muito pouco vazou sobre esse esqueleto, mas os operários que o encontraram murmuram em tom estarrecido sobre os longos cabelos pardos associados a ele.

Os rumores dizem que os ossos das minúsculas patas guardam características preênsais mais típicas de

um diminuto macaco do que de um rato, enquanto o pequeno crânio, com suas agressivas presas amarelas, é da mais completa anomalia, parecendo, de certos ângulos, uma paródia em miniatura, monstruosamente degradada, de um crânio humano. Os operários se benzeram apavorados quando deram com esta blasfêmia e posteriormente acenderam velas de gratidão na Igreja de St. Stanislaus, devido ao arrepiante riso zombeteiro e fantasmagórico que, eles achavam, jamais tornariam a ouvir.